REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 898

10 DE DEZEMBRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. M. O REI D. AFFONSO XIII

CHRONICA OCCIDENTAL

Emquanto não chega El-Rei de Hespanha, ainda póde a gente falar n'outro assumpto. Depois não haverá maneira. Quem manda em Lisboa são os provincianos e que remedio teremos nós senão d'ir na onda para onde estes nos levam.

N'estes dias Lisboa vai mudar de aspecto e aquelles que vieram para divertir-se hão de alegral-a. As ruas cheias de gente, quem então as conhecerá? Quem reconhecerá as pacatissimas casas de pasto onde o burguez da capital costumava ir tomar a sua canja, beber o seu copo, provar a azeitona nova?

Elles vieram divertir-se, e, não ha remedio, havemos de nos divertir tambem na toirada, nas illuminações, no fogo de vistas.

O peor é que o tempo parece que tem lido os jornaes republicanos e começa a fazer uma terrivel careta aos festejos monarchicos. Uma vez por outra, parece que o convencem os jornaes officiosos, mas logo torna a torcer o nariz e a apagar as luminarias do céo, sem as quaes cremos muito pouco nas luminarias da terra.

Lisboa, onde os trabalhos progridem, tem promptos seus coretos para as philarmonicas, os mastros para as bandeiras, os supportes para as lanternas, os fios e tubos para as illuminações electricas e pelo gaz. Não succederá d'esta vez o que aconteceu com El-rei de Inglaterra que ainda assistiu a parte d'esta azafama por chegar mais cedo do que se suppunha. Os comboios não fazem surpreza como os yatchs inglezes.

Já estão no Tejo as duas esquadras que no nosso porto vêm esperar o monarcha hespanhol.

Duas esquadras, uma hespanhola, outra ingleza, estão fundeadas no Tejo, e sua tripulação veiu ajudar a animação das ruas.

Folga o commercio da cidade e mais folgaria ainda se, ao contrario do lavrador que de contente esfrega as mãos, não tivesse que maldizer do tempo, do céo sombrio e da lama das ruas.

É possivel que muitas das festas annunciadas não tenham, por motivo do máo tempo, o luzimento que era de esperar. O que se chama o ar livre, coisa tão bella, é por vezes em dezembro coisa terrivel.

S. M. A RAINHA MARIA CHRISTINA E SEU FILHO D. AFFONSO XIII NA EDADE DE 12 ANNOS

E' pena se assim acontecer, logo começando por dar cabo das ornamentações.

A toirada, com seus charamelleiros, pagens e neto, coches de gala e moços conduzindo os cavallos, todo o cortejo composto de seis cavalleiros, oito bandarilheiros e desaseis moços de forcado, seria, decerto, um dos mais bellos espectaculos na praça ornamentada com gosto, segundo dizem, pelo scenographo Eduardo Reis.

Mas uma toirada em dezembro é sempre muito mais perigosa para os espectadores do que em junho para os toureiros.

Com os outros festejos da rua o mesmo poderá succeder, longe vá o agoiro. Illuminações da Avenida tão faladas, fogo de artificio, arcos e florões do Rocio e do Chiado, coretos rusticos e civilisados, tudo anda arriscadissimo e devem de ter o coração tão pequenino como um auctor dramatico em noite de primeira recita com ameaças de temporal na platéa.

Um dos mais bellos numeros do programma será, sem duvida, a missa que no domingo de manhã se deve realisar no templo dos Jeronymos.

Não ha em Lisboa monumento — e outro apenas haveria em Portugal—tão cheio de recordações, tão digno de ser visitado pelo monarcha de Hespanha. Maior significação, como muito bem o escreveu Latino Coelho, teem os Jeronymos do que a Batalha; este monumento só nos fala de Portugal como nação independente; aquelle diz o que elle foi na historia da humanidade.

A Cintra e a Villa Viçosa tambem irá D. Affonso XIII. Tambem n'estas duas villas não lhe faltará que mostrar e muito que contar da nossa historia.

Da primeira e do seu palacio historico tratou agora o Conde de Sabugosa n'um esplendido livro, a que dedicou horas de utilissimo trabalho. Illustrou-o com seu reconhecido talento a Rainha, Senhora D. Amelia, revelando-nos assim, mais uma vez, o carinhoso amor que dedica ás velhas coisas d'arte portugueza. Trabalhou tambem para maior exito da obra o pintor-illustrador Casanova, auctor da estampa colorida que representa o tecto da famosa Sala dos Veados.

Bello livro é este, de seguras revelações e que muito honra o talento e a capacidade de seu auctor e nosso amigo, a quem muito agradecemos a delicadeza com que nol-o offertou. Mais um titulo de gloria é para o Conde de Sabugosa, um dos mais illustrados e illustres dos nossos homens de letras.

Tambem do paço de Villa Viçosa existem boas monographias, e dentro d'aquellas paredes e sob aquelles tectos factos se passaram importantissimos na historia portugueza, alguns bem tristes que não devem ser recordados em meio de festas, outros gloriosos que ao proprio rei de Hespanha não deve haver duvida em contar. São boas lições de historia.

Ali viveu a filha do Infante D. Duarte, Duqueza de Bragança D. Catharina, e ali recebeu com fantastico esplendor a visita de El-Rei D. Sebastião, poucos annos antes da sua partida para Africa. Ali ella soube da derrota do exercito portuguez e soffreu torturas vendo no throno seu tio, o Cardeal D. Henrique, hesitante sobre quem devia succeder no throno; d'ali partiu para Almeirim, onde o Cardeal expirava, e ali recebeu, dois annos depois da sua entrada em Portugal, El-Rei Filippe II, que lhe vinha offerecer a mão de esposo em troca da cedencia de seus direitos ao throno, tanto elles valiam.

Ali recebeu o Duque de Bragança D. João noticia da revolução que o acclamára rei e d'ali partiu para subir os degraus do throno.

São historias velhas, mas dignas de ser conhecidas e, se as repisamos, é que vem sempre a pêllo recordal-as.

E' difficil não falar em tudo quanto diz respeito á nossa historia e suas relações com a Hespanha; é difficil, agora que D. Affonso XIII está por horas a chegar, falar d'outro assumpto que lhe não diga respeito. Temos que aproveitar estes instantes, senão nem das ultimas recitas de Vitaliani poderemos falar.

Pois era pena deixar em silencio essas noites que foram consagradas á arte do melhor quilate. Italia Vitaliani, que tão friamente foi recebida pelo publico de Lisboa, viu-se nas suas ultimas recitas no theatro de D. Maria acclamada calorosamente, como o mereciam seu talento dos maiores, e seus ideaes artisticos de pura honestidade.

Desejariamos poder consagrar algumas linhas a uma das actrizes das maiores de Italia e que mais fundamente nos commoveram. Não me deixou meu máo estado de saude applaudil-a senão na «Adriana Lecouvreur», peça romantica de molas envelhecidas, em que ainda assim o talento de Vitaliani soube descobrir verdadeiras perolas de finissimo brilho, como na recitação da fabula dos Dois Pombos, e commover-nos profundamente, até ás lagrimas, na scena violentissima da morte, no quinto acto. Comedia e tragedia, um verdadeiro triumpho para a grande artista.

Assim, devagarinho, passo a passo, sem que nos intervallos do programma da philarmonica ninguem viesse encostado ao corrimão sobre a bilheteira convidar, em termos pomposos, o publico a entrar, Vitaliani entrou humilde e foi-se gloriosa.

Deveu-se em grande parte esta reacção ao acolhimento que lhe fez o publico do Porto, onde Vitaliani representou no intervallo das recitas que deu em Lisboa no theatro da Trindade e no de D. Maria. Pois bem haja o publico do Porto pelo seu bom gosto, que deu em resultado um acto da maior justiça.

Em theatros foi a actriz italiana o assumpto capital; em musica foi a Sociedade de Musica de Camara quem levou a palma n'este principio de mez com um bello concerto no Salão do Conservatorio e programma todo dedicado a Mozart.

Mas voltemos a falar de tragedias, ainda que passando para a vida real.

Correu no Porto que Belchior da Fonseca e Cesar Marques estavam salvos e em suas casas. Apenas José d'Almeida teria morrido na catastrophe do balão «Lusitano» e o quererem por mais tempo occultal-o á familia os obrigava a esconderem-se.

Infelizmente, o boato não passa da inspiração d'um sentimento que já entre nós gerou e deu vida atravez dos seculos ao sebastianismo.

Sebastianistas fomos, sebastianistas seremos. E' afinal uma maneira de levar a vida, que onde ha esperança ha maior paciencia.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISITA DE S. M. O REI D. AFFONSO XIII A LISBOA

Quando este numero do OCCIDENTE sae do prelo, transpõe as fronteiras portuguezas o joven Rei das Espanhas, em visita ao monarcha portuguez, em visita a Portugal, que jubiloso o recebe.

E' de apreciar ser esta a primeira visita que D. Affonso XIII faz depois da sua subida ao throno, mostrando assim uma preferencia que tanto significa a sua alta estima pela nação e monarcha portuguez, como a approximação moral dos dois paizes visinhos n'uma alliança de interesses que naturalmente se impõe n'este momento historico.

O vir o Rei de Hespanha acompanhado pelo seu ministro dos negocios estrangeiros sr. D. Faustino Rodriguez San Pedro, é uma indicação de que a visita do monarcha hespanhol visa a mais algum fim que o de simples cortezia e cordealidade entre as duas nações da Peninsula, pois que a politica de Rodriguez San Pedro tem sido sempre a da approximação d'estas duas nações nos seus interesses politicos e de commercio, sendo esta hoje a politica dominante de todos os partidos em Hespanha.

Póde dizer-se que esta visita são os primeiros passos do joven rei ao tomar sobre seus hombros a pesada herança de seu pae, que elle nem chegou a ter a dita de conhecer.

Oxalá corra venturoso o seu reinado, já que a sorte quiz nascesse orphão o que havia de cingir a corôa de Carlos V e de Filippe II.

Valeram-lhe os carinhos extremosos de uma mãe desvelada, que teve a dupla missão de o fazer homem e de lhe conservar a corôa atravez de tantas vicissitudes que assaltaram o reino.

Mãe heroica, que não teve desfallecimentos no cumprimento da sua espinhosa missão e que, ao entregar a seu filho a corôa de que foi depositaria por espaço de desaseis annos, se recolhe e sae da scena politica, conscia de ter cumprido os sagrados deveres de mãe e de rainha.

A Historia já lhe faz justiça e raro registará outro facto semelhante.

Entra a Hespanha em uma nova phase politica, procurando uma alliança mais effectiva com Portugal.

Que as duas nações tenham de applaudir-se por esta alliança é o que hespanhoes e portuguezes devem desejar.

REAL PALACIO DE BELEM

O paço real de Belem, onde é hospedada Sua Magestade Catholica D. Affonso XIII, pertence á corôa desde 1726, em que el-rei D. João V o comprou aos condes de Aveiras, seus fundadores, por 200:000 cruzados, incluindo a grande quinta que lhe pertence e que o mesmo rei augmentou, annexando-lhe outras terras e casas que comprou aos condes de S. Lourenço, o que tudo constitue uma vastissima propriedade, sendo em parte d'estes terrenos que se estabeleceu o Jardim Botanico da Ajuda.

D. João V mandou proceder a obras no palacio que o transformou em grande parte e muito principalmente na decoração interior e jardins.

Em 1886, por occasião do casamento de El-Rei D. Carlos, que para ali foi habitar em quanto principe, tambem n'este palacio se procedeu a obras, tanto de restauração das antigas decorações, como a embellesamentos e confortos modernos.

Agora procedeu-se a mais obras de conservação e embellesamento, sendo tambem ampliado com novas edificações.

No palacio de Belem havia grande quantidade de quadros de bons auctores nacionaes e estrangeiros, que D. João V tinha adquirido; esses quadros, porém, foram para o Brazil, em 1810, por ordem de D. João VI e não voltaram.

Entre os fastos historicos que se ligam ao palacio de Belem, apenas mencionaremos o de ter sido ali que a Rainha Senhora D. Maria II recebeu Passos Manuel, quando foi da revolta conhecida por Belemsada, conseguindo o grande patriota que a Rainha voltasse para o Paço das Necessidades, com o que se acalmou o povo.

Depois de El-Rei D. João V, que fez do paço de Belem sua habitação de verão, teem-se hospedado n'este palacio illustres principes estrangeiros, em differentes epocas, taes como:

De 30 de abril a 7 de maio de 1839.—A rainha D. Adelaide Amelia, viuva do rei de Inglaterra, Guilherme IV.

A 20 de junho de 1839.— Sua alteza o duque de Nemours.

A 20 de outubro de 1842.—O principe de Joinville e o duque de Aumale.

De 12 de maio a 13 de junho de 1846.— O duque reinante de Saxe Coburgo-Gotha, sua esposa e dois primos.

De 26 de agosto a 18 de setembro de 1861.— O principe Leopoldo de Hohenzollern-Sigmaringen, que vinha desposar a infanta D. Antonia, e seu irmão o principe D. Carlos.

De 11 a 20 de outubro de 1863.— Os principes Amadeu, duque de Aoste e Eugenio Carignan.

A 18 de junho de 1865.—A princeza do Brazil, D. Isabel Christina e seu marido o conde de Eu.

A 20 de junho de 1865.—O duque de Nemours.

A 11 de dezembro de 1866.—Os reis de Hespanha D. Francisco de Assis e D. Isabel II, a infanta D. Maria Isabel e o principe das Asturias.

De 29 de junho a 13 de agosto de 1867.— O duque de Saxe Coburgo-Gotha e sua esposa a princeza do Brazil D. Leopoldina.

De 13 de fevereiro a 3 de março de 1873.—Os ex-monarchas de Hespanha, D. Amadeu de Saboya e D. Maria Victoria, irmã e cunhada da rainha senhora D. Maria Pia.

De 1 a 7 de maio de 1876.—O principe de Galles, Alberto Eduardo, depois Eduardo VII e o principe Battenberg.

De 10 a 16 de janeiro de 1882.—Os reis de Hespanha Affonso XII e D. Maria Christina.

A 16 de dezembro de 1889.— O conde de Paris, pae da rainha senhora D. Amelia.

De 19 a 28 de janeiro de 1891.— O conde de Paris e o duque de Orleans.

A 21 de abril de 1891.—O conde de Paris.

De 26 de abril a 4 de maio de 1891.— A condessa de Paris, mãe da rainha senhora D. Amelia.

De 20 a 26 de dezembro de 1891.—O conde de Paris e seus filhos D. Isabel e o duque de Orleans.

E actualmente, El-Rei D. Affonso XIII e sua comitiva.

OS PAÇOS DO CONCELHO DE LISBOA

Um dos numeros do programma dos festejos em honra de El-Rei D. Affonso XIII é a recepção de Sua Magestade Catholica nos Paços do Concelho de Lisboa, onde lhe será offerecido um *lunch* pelo municipio.

Para esse fim foram decoradas as salas do edificio, que já de si são magnificamente ornamentadas, pois que os Paços do Concelho é um dos edificios modernos mais monumentaes de Lisboa.

A sua construcção foi principiada em 1866, sobre as ruinas do edificio do Banco de Portugal, incendiado em 1863.

O projecto foi dos architectos Pezarat e Domingos Parente, mas soffreu grandes alterações até á conclusão do edificio, que levou cerca de vinte annos a construir.

Além da belleza exterior e das salas decoradas, ainda que pouco amplas, o que mais tem a notar-se n'este edificio é a sua bella escada, semelhante á da grande Opera de Paris.

INCOERCIVEL

Vae, sonho grato, sonho pertináz!
Vae... perde-te nas brumas do passado!...
És a nevoa que emfim já se desfáz...
Suspiro que vae p'lo vento levado!...

Vae, minha esperança unica... tenáz!
Sem te importar o peito esphacelado!...
Que se nos vá o que mais fundo jáz,
N'um arranco só... féro... innominado!

E arrebata comtigo o goso... a al'gria...
O sorrir da vida... o homem f'liz, emfim!...
Nem lhe deixes as dores, a agonia...

Que fique indifferente, sem um fim...
Ou, sceptico, a sorrir-se de ironia
Do *crente*, que ha de um dia ser assim!...

Beira, Africa Oriental.

M. Mendonça d'Oliveira.

POLITICA EM PORTUGAL

III

Reformas. — Assim como cada descoberta physica determina geralmente um passo acelerado na ampla esphera das sciencias naturaes, assim tambem no mundo politico deve corresponder a cada progresso na evolução sociologica dos povos uma regra moral que o authentique e esclareça.

Importa registar todos os phenomenos para que elles não sejam perdidos para a humanidade e, ao contrario, sirvam de lição util ás gerações que passam.

Dizer isto, nem por sombras significa que se devam modificar todos os dias processos de estudo e instrumentos de observação, nem tão pouco que seja necessario aos governos alterar constantemente os programmas respectivos introduzindo reformas de curto praso e de duvidoso alcance.

As nações decadentes carecem mais que as outras de operar transformações radicaes que, moralmente, as habilitem a cauterisar suas proprias chagas, a fazer desapparecer defeitos viciosos de organismo, a abrir com firmeza caminhos bem cheios de luz, a preparar emfim seu mesmo renascimento; mas para attingir com efficacia semelhante resultado lisongeiro e palpitante não basta o emprego de escrupulo imitativo.

O primeiro requisito original de um reformador é o conhecimento desenvolvido e inteiro da historia de seu paiz e do caracter e indole de seus habitantes.

Sem esta prévia iniciação indispensavel a sua obra, desvantajosa e perigosa, ficará evidentemente assente sobre pés de barro qual estatua do rei de Babylonia.

E do mesmo modo que um medico chamado a tomar conta de um doente atacado de molestia grave dá começo invariavel a sua missão por um inquerito completo a que não escapam as particularidades que parecem mais futeis, isto no intento logico de não ignorar coisa alguma que possa converter-se em beneficio do enfermo, assim tambem um estadista que pretende levantar a patria abatida, erguendo-a até o ponto de poder servir de modelo, deve principiar por auscultal-a prudente e circumspectamente, visto exercer n'esse caso um papel identico ao de facultativo.

Lavrar um decreto de reforma, apresental-o a assignatura antes ou depois de haver tecido o seu elogio, fazel-o imprimir e publicar, mandal-o cumprir e executar á risca são actos e propositos de maxima facilidade e até simplicidade para quem é provido de intelligencia clara; mas não consiste apenas no que fica dito levar a effeito uma reforma sensata e salutar.

O valor do trabalho e a pujança ulterior de seus productos, antecipadamente previstos e annunciados, só se aferem e cotejam em capacidade de genuina quando o requer instancia de necessidades, quando a verdade guia obreiros e quando a alta experiencia pratica d'estes põe sello aberto de lealdade.

No campo de reformas o saber só por si é insufficiente se não fôr acompanhado de experiencia, a grande e incomparavel mestra da vida.

E assim se explica peremptoriamente a inutilidade de poetas no governo de povos, sonhadores e visionarios como são quasi sempre aquelles engenhos de ideal, muitas vezes sublimes e loucos cantores de chiméra!

A prova d'esta minha asserção superabunda na historia politica de todos os paizes, onde se vê sem illusão possivel que nem os Sophocles se ageitariam á envergadura de um Pericles, nem os Pindaros se accommodariam no destino de um Philippe, de Macedonia, nem os Lamartines poderiam participar da estófa de um Marquez de Pombal.

As nações atrasadas e os povos embrutecidos pela indifferença de scepticismo não precisam de arpêjos e de cordas de lyra, demandam homens de sciencia essencialmente pratica, com largo tirocinio na escola de coisas de expediente usual e habituados no serviço ordinario a distinguir á simples vista o que é commum e vulgar de tudo o que excede costumes rotineiros.

Dizia Augusto Comte, em 1822, em um opusculo intitulado *Plano dos trabalhos scientificos necessarios para reorganisar a sociedade*: «Um systema social que se extingue; um novo systema chegado a maturação plena e que tende a constituir-se, tal é o caracter fundamental assignado á epoca actual pela marcha geral da civilisação. Conformemente a este estado de coisas, dois movimentos de natureza diversa agitam hoje a sociedade: um de desorganisação, o outro de reorganisação.

Quem examinar attentamente, á luz de um criterio sereno o que se passa em Portugal, deverá reconhecer no fôro intimo de sua consciencia que as palavras do famoso philosopho citado teem applicação perfeita á sociedade contemporanea em nossa terra.

Para que, porém, vingue aqui o movimento de reorganisação, para nós capitalissimo e redemptor, sem abalos tremendos e sem desmoronamentos irreparaveis urge que se unam e communguem no pensamento exclusivo do bem da patria, todos os individuos de reputação firmada e de conhecimentos certos em materia de negocios publicos.

Entre nós, não duvido affirmal-o, procura-se dar remedio limpo a varias antigualhas obnoxias; mas como cada pessoa importante por influencia politica se julga melindrada ao emprehender qualquer projecto de reforma de acceitar para cooperador quem não milita sob identicas bandeiras partidarias, embora aliás seja perito competentissimo no assumpto, d'ahi promana o conjuncto de imperfeições e ainda o grande numero de contradicções flagrantes que se notam em quasi todos os regulamentos e obstam a uma boa ordem de funcções no exercicio de diversos cargos.

Sirvam de exemplo pallido ao que acabo de sustentar as reformas de Instrucção, de Codigo Administrativo e de Alfandegas.

Quantas dezenas ou mesmo centenas de reformas foram produzidas *n'este jardim á beira-mar plantado*, nos ultimos trinta annos?

Uma alluvião d'ellas, tão espantosa como a das cheias do Nilo e sem os effeitos maravilhosos que fizeram perpetuar em memoria das gentes a phrase celebre de Herodoto referindo-se ao Egypto.

Façam-se reformas radicaes com o concurso habil de praticos, e veremos que seus fructos desabrocharão opimos e o paiz prosperará.

D. Francisco de Noronha.

Lenda de Ulrico, o assassino

(De *Paulo* Genève)

Quem desça a corrente do Rheno avista, um pouco além de Moguncia, na vertente d'uma collina escarpada, que vem morrer no rio, enormes pedras, ruinas épicas de alguma construcção desmantellada, e emquanto o rio se vae cobrindo de neblina interrogue o barqueiro que lhe narra o feito do feroz senhor que, por matar, fôra condemnado a viver.

*

Foi no tempo em que os homens mais possantes vestiam uma armadura sem grande esforço.

Ora, Ulrico, conde de Frankenthal, era, de todos os homens d'essa epocha, o mais possante e poderoso; nenhum esgrimia tão á vontade uma espada como elle. Era senhor de grandes dominios, de um castello inacessivel e de uma vistosa côrte.

O pae, Vinibaldo, o Urso, morto n'uma peleja com um barão seu visinho, deixára-o, aos dezoito annos, senhor absoluto de toda a provincia. O juvenil feudal era tyranno, odiento e temido, e logo que completou vinte-cinco annos, deu em sua honra um torneio a que concorreram de todas as partes da Europa os cavalleiros que tinham em mira alcançar victoria. Nunca Ulrico estivera tão feliz; durante o mez em que durou a festa venceu cincoenta campeões dos mais temidos, sem que uma unica vez o braço lhe fraquejasse; a sua presença bastava para atemorisar os mais temerarios. D'esta fórma as festas foram para elle um grande triumpho; mas, na tarde do ultimo dia festivo, quasi ao findar o torneio, surgiu um cavalleiro desconhecido que se acercou de Ulrico e lhe tocou ao de leve com a lança no peito. Ao ver-se provocado, ordenou que lhe sellassem o cavallo de combate, pôz o elmo e foi para a arena, lançando o guante. O desconhecido esperava-o; as trombetas soaram e o arauto deu o signal; perante uma enorme multidão de cavalleiros, os dois gigantes encontraram-se frente a frente, e, d'ahi a momentos, os assistentes soltaram um grito ao vêr o conde Ulrico caír do cavallo. Raivoso e envergonhado de se ter deixado vencer, depressa cobrou animo, desembainhou a espada dirigindo-se para o adversario que tambem se armára com a sua. O duello foi de pouca duração. Após alguns ataques, o desconhecido conseguiu desarmar Ulrico, que fôra ferido, caindo no chão emquanto o ignorado cavalleiro com passo firme e resoluto montára o palofrem afastando-se do local do combate sem que lhe detivessem a marcha ou lhe dirigissem a palavra.

*

Todavia Ulrico não morrera; ajoelhou-se, e, repellindo todos os que se prestavam a soccorrel-o, amaldiçoou aquelle que o vencêra, desejando vêl-o caír; jurando pelo seu brazão que mandava erigir, no sitio em que o maldicto caisse, uma egreja cuja torre ultrapassasse em altura todas as torres do universo! Em seguida a ter pronunciado aquellas palavras, o conde consentiu que lhe pensassem o ferimento e dirigiu-se para o palacio, aonde, um quarto d'hora depois, appareceu esbaforido um arauto a dar a nova de que o cavalleiro ignorado caíra, ferindo-se gravemente, nova esta com que Ulrico exultou, promettendo ao emissario mil *gulden* se lhe provasse a asserção, e com essa ideia se encaminhou para o local indicado; assim que chegou e viu o seu adversario, a raiva e a alegria explodiram em ferozes insultos acabando por dizer-lhe que os seus cães estavam esfomeados e para os saciar lhes ia dar um banquete; o moribundo a essas palavras soergueu-se sobre o cotovello e disse:

— Conde Ulrico, não passas d'um cobarde, mas *eu me vingarei!*

Ulrico de um só golpe lhe decepou a cabeça que veiu rolar a seus pés, com a bocca hiante, medonha de um riso terrivel, ironico; e, agarrando-a pelos cabellos arremessou-a aos cães que, apenas a farejaram, desataram a rosnar de um modo surdo e em seguida fugiram, latindo angustiosamente. Então Ulrico, o assassino, fez-se transportar ao palacio aos hombros de dois homens d'armas que se iam abaixo com o peso... No dia immediato desencadeou-se uma tremenda borrasca e houve quem visse no céu uma sombra negra, com a configuração d'uma cabeça. E, ante este signal, os feudaes recordaram-se da phrase do cavalleiro: *Conde Ulrico, eu me vingarei!*

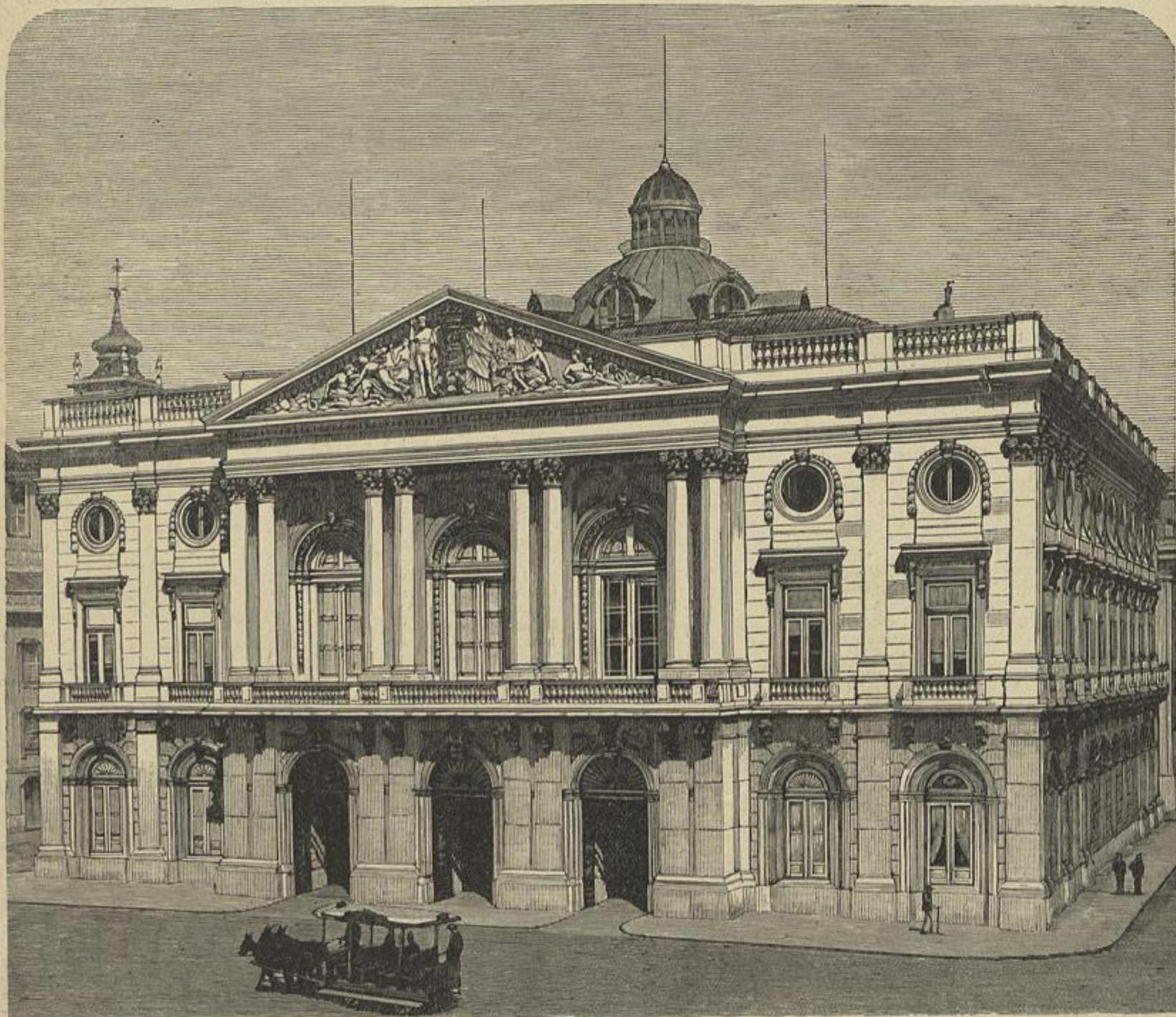
*

Ulrico cumpriu o juramento: erigiu-se uma egreja e a torre era tão alta que as nuvens passavam muito abaixo da cruz de bronze. Conforme ordenára, o cadaver decapitado, foi enterrado n'uma fossa muito funda. A egreja toda construida de granito era inacessivel aos assaltos. Antes, porém, de cincoenta annos não estava concluida, e Ulrico sentia-se envelhecer. No dia em

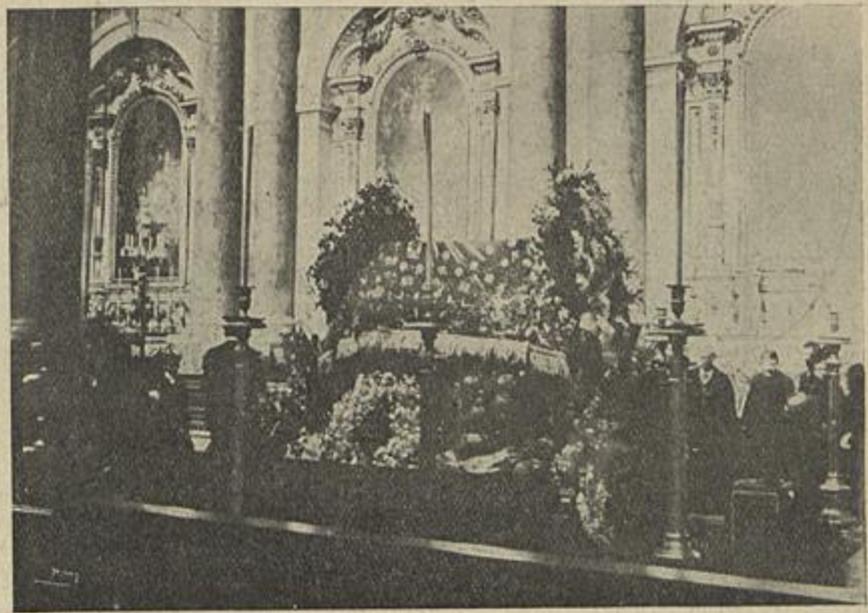
que quatro valentes e habeis obreiros collocaram a cruz de bronze, o conde Ulrico, erguendo as mãos, declarou que queria viver tanto tempo como a egreja havia de durar. N'essa mesma noite, Ulrico sentiu chamarem-n'o e ouviu dizer que o seu voto seria cumprido; que havia de viver tanto como a egreja, e que não temesse as ameaças da morte até o dia em que houvesse um homem capaz de arrazal-a. Na manhã seguinte convocou os feudaes e narrou-lhes a predicção, e todos, crentes n'um milagre, se ajoelharam ante elle, porque temiam o seu rancor. E, emquanto os mais moços pensavam para comsigo que Ulrico *sonhára*, os mais velhos, sabendo a vaidade do feudal, diziam-se que *mentira!*

*

Ulrico tinha já cento e cincoenta annos, e não podia dar passo sem se arrimar a um bordão. Havia já meio seculo que um mysterioso mal o colhera, alcachinando-o e tirando-lhe forças. Vira morrer todos os que tinham sido seus contemporaneos, os companheiros de armas, envelhecer, curvar e descer á sepultura. Os que manejavam agora as armas não se lembravam de ter visto os outros. Elle não os conhecia e para elles era quasi que um desconhecido. Viu desapparecer os

REAL PALACIO DE BELEM, ONDE É HOSPEDADO S. M. O REI D. AFFONSO XIII

PAÇOS DO CONCELHO DE LISBOA ONDE É RECEBIDO S. M. O REI D. AFFONSO XIII

CONSELHEIRO ANTONIO MARIA PEREIRA CARRILHO

FALLECIDO EM PARIS EM 16 DE NOVEMBRO DE 1903

AS EXEQUIAS NA EGREJA DE S. DOMINGOS

SAHIDA DO PRESTITO DA EGREJA DE S. DOMINGOS

PASSAGEM DO PRESTITO NA AVENIDA DA LIBERDADE

filhos, os netos, os bisnetos... Então, quando notou que não era já o Ulrico, o terrivel, mas apenas um velho fraco e sem merito, pensou em morrer. Morrer! deixar de penar, de ser superior ás suas forças, de assistir á sua decadencia, tal era agora o seu unico desejo, a sua unica ventura. Lembrou-se então de que aquella predicção, que o envaidecera, era uma vingança, um castigo. Os outros eram condemnados a morrer, elle fôra condemnado a viver!

(Trad.) *H. Marques Junior.*

O ACRE

Sob este titulo publicou o sr. Julio Rocha um livrinho de 72 paginas dedicado ao ministro do Brazil em Lisboa sr. dr. Alberto Fialho, pois que o assumpto envolve uma importante questão diplomatica entre o Brazil e a Bolivia.

O Acre é uma vastissima região no alto Amazonas, que toma o nome do rio que atravessa aquelle territorio. E' região insalubre, de febres paludosas e onde domina o beri-beri. Estende-se entre a fronteira do Brazil e da Bolivia e foi descoberta pelo brazileiro Manoel Urbano da Encarnação, em 1860.

Desde aquelle anno até 1902 a população elevou-se a 20:000 habitantes sendo 99 % brazileira a qual luctando com a insalubridade do paiz trabalha na extracção da borracha, que é a grande cultura e riqueza local.

O governo da Bolivia, porém, entrou em negociação com um syndicato americano composto da United States Rubler Company para lhe ceder uma zona de borracha virgem, o que alarmou a colonia brazileira que via ameaçados os seus interesses.

Foi então que o governo dos Estados Unidos do Brazil in-

CHEGADA DO FERETRO AO CEMITERIO ORIENTAL

OS FUNERAES DO CONSELHEIRO PEREIRA CARRILHO

(Instantaneos do sr. A. Novaes)

JULIO ROCHA

terveiu em favor da colonia, enviando uma missão especial para tratar com o governo da Bolivia, e mais tarde uma expedição militar.

E' d'esta importante questão que trata o livro de que vimos fallando, e no qual o sr. Julio Rocha reuniu todos os documentos que lhe dizem respeito, e em que o Brazil conseguiu reivindicar os seus direitos e garantir os interesses da colonia brazileira no Acre.

Lê-se ainda no livro do sr. Julio Rocha dados biographicos de José Placido de Castro, o chefe da revolução acreana, assim como noticia dos combates de Santa Rosa e Costa Rica, e de Porto Alonso, terminando com a interessante conferencia sobre o Acre do capitão de mar e guerra o sr. José Carlos Carvalho.

Felicitamos o sr. Julio Rocha, nosso amigo e collega, por mais este trabalho importante para a historia do Brazil.

C. A.

A natureza e seus phenomenos

I

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

II — MOVIMENTO

(Continuado do n.º 895)

As fontes são *permanentes*, se dão sempre a mesma quantidade de agua, *variaveis* em caso contrario. São *temporarias*, se apenas fornecem agua, n'uma dada epoca do anno, *intermittentes*, se fornecem mais agua n'um dado periodo do que n'outro, sem epoca determinada.

Nos gabinetes de physica, a theoria das fontes intermittentes explica-se, pelo vaso de *Tantalo*.

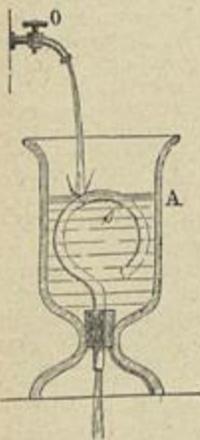



Fig. 28 — Vaso de Tantal

Um vaso *A* contém um syphão *S*, no qual um dos ramos é aberto no fundo do vaso, e o outro atravessa o fundo. Collocando o apparelho debaixo de um esgoto continuo, a agua começa a sahir do vaso, apenas attingir a parte superior do syphão, continuando o esgoto até despejar o vaso. Se este receber uma porção de agua, da que o syphão esgota, obtemos uma fonte intermittente, visto ser necessario encher de novo o vaso, até á parte superior do syphão, para que o esgoto recomece.

Um syphão é, como vimos, um tubo recurvado, servindo para esgotar o liquido de um vaso. Em geral, os dois vacuos são deseguaes, mergulhando um d'elles no liquido, e servindo o outro para aspirar, com a bocca, esse liquido.

Para que se produza o esgoto, é necessario que o extremo do vacuo fóra do liquido esteja mais baixo que o nivel do liquido. Em q ha uma força que se oppõe ao esgoto. E' a pressão do ar, menos a columna liquida *q' p'*. Em *q'*, outra pressão, opposta á primeira, obriga o liquido a sahir. E' a pressão do ar, menos a columna liquida *q' p'*. A differença entre a pressão do ar e a das duas

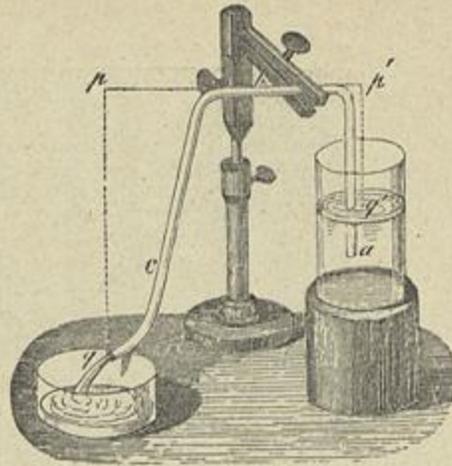



Fig. 29. — Syphão ordinario

columnas liquidas, sendo maior em *a*, obriga o liquido a sahir pelo syphão, produzindo o esgoto.

O syphão pode ser cheio de dois modos:

1.º *Directamente*, isto é, invertendo-o, deitando-lhe liquido, tapando os dois extremos com o dedo, e, finalmente, voltando-o, com o cuidado de destapar um dos extremos, quando este já se achar dentro do liquido.

2.º *Indirectamente*, por aspiração, isto é, mergulhar um dos extremos no liquido, e aspiral-o, pelo outro.

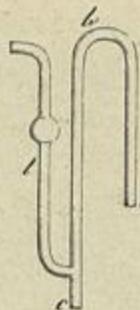



Fig. 30 — Modelo de syphão para liquidos corrosivos.

Se os liquidos forem corrosivos, o syphão a empregar tem a forma indicada na fig. 30. O ar aspira-se pelo tubo *t*, adaptado ao syphão *cba*, tapando com o dedo a parte *c*, e parando a aspiração quando o liquido attingir a esphera *t*.

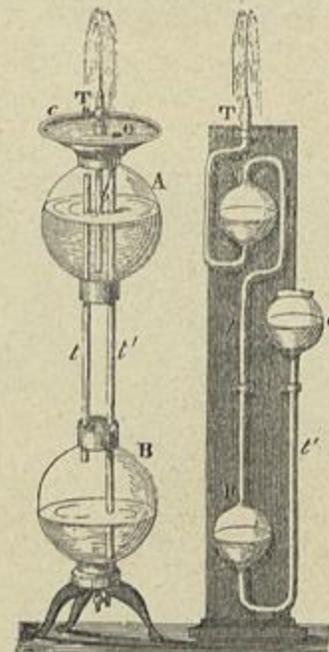
A fonte de *Héron* é outro exemplo de fontes intermittentes.

Consta de uma bacia *C* e de dois balões de vidro *AB*, communicando por tubos. A bacia C communica com o balão B, pelo tubo o t', o balão B communica com o balão A, por meio do tubo t. Existe ainda um tubo que parte do fundo do balão B, até á bacia C. O balão A. contém agua.

Deitando agua em C, esta no balão B, pelo tubo o t', comprime o ar, n'elle existente, o qual actua no tubo t, e faz repuxar a agua existente em A. Esta, por sua vez, cáe na bacia C, desce para o balão B, e assim successivamente obtendo-se d'esta forma um repucho intermittente, emquanto existir agua em A.

Fig. 31 — Fonte de Heron

Por meio do vaso de *Mariotte*, podemos obter um esgoto constante.

Consta de um frasco, cujo gargalo tem uma rolha atravessada pelo tubo t. O frasco tem tres orificios, a, b, c, a diversas alturas, os quaes se podem vedar.

Enchendo o frasco e destapando o orificio *c*, o liquido esgota-se com uma pressão egual ao peso da columna liquida de altura egual á differença de nivel entre t e c. A velocidade do esgoto diminue á maneira que o liquido baixa até *o*, tornando-se nulla quando este attingir *u*, nivel do orificio *c*.

Os apparelhos destinados a elevar a agua, ou qualquer outro liquido, a certa altura, são as *bombas*.

Estas podem ser *aspirantes*, *prementes*, ou *aspirantes-prementes*.

As bombas de primeira especie constam de um cylindro, denomidado *corpo de bomba*, na qual se move um embolo, contendo uma valvula que se abre de baixo para cima. Na extremidade do cylindro ha um canal de aspiração, contendo egualmente outra valvula, abrindo-se no mesmo sentido, communicando o corpo de bomba com o reservatorio contendo agua.

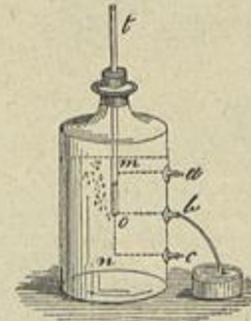



Fig. 32 — Vaso de Mariotte

Levantando-se o embolo, abre-se a valvula do cylindro, e o liquido penetra no corpo de bomba; descendo o embolo, fecha-se esta valvula, abre-se a do embolo, e o liquido passa para a parte superior do embolo, descarregando-se para um tubo lateral.

As bombas de 2.ª especie não teem canal de aspiração. O corpo de bomba mergulha directamente no reservatorio onde está contido o liquido. Teem, no emtanto, um canal de *ascensão*, que dá sahida á agua aspirada com uma valvula, existindo n'esse canal que se abre do lado do corpo de bomba para o do tubo. Levantando-se o embolo, entra a agua pela valvula inferior; baixando o embolo, esta fecha, abrindo-se a valvula do canal de ascensão que dá sahida á agua.

As bombas de 3.ª especie teem tubo de aspiração e canal de ascensão, funccionando como bomba aspirante, quando o embolo sóbe, e como bomba premente, quando este desce.

Nas *bombas de incendio* obtemos um jacto continuo, pelo facto de se associarem duas bombas prementes, funccionando alternadamente. Quando o embolo de uma sóbe, o da outra desce, e vice-versa. Os dois embolos dos dois corpos de bomba ligam-se a uma grande alavanca de ferro que a mão do homem faz girar de um para outro lado, dando, assim, movimento aos dois embolos. A agua sáe por meio de uma mangueira.

Fig. 33 — Bomba aspirante-premente

Nas *bombas centrifugas* não existem embolos nem valvulas. Constam, geralmente, de uma caixa, dentro da qual gira, com rapido movimento de rotação, uma ventoinha composta de uma série de pás curvas, umas chegando ao centro do eixo, outras não. A agua vem, por meio de um tubo, de um reservatorio, entra para a caixa por meio de aberturas centraes, e, em resultado da força centrifuga desenvolvida pelo movimento da ventoinha, é obrigada a girar por toda a circumferencia da caixa, e injectada, por meio das pás, por um canal de ascensão, existente do lado contrario do reservatorio.

O *parafuso de Archimedes* é, egualmente, uma machina para elevar agua.

(Continúa.) *Antonio A. O. Machado.*

O MEZ METEOROLOGICO

Novembro 1903

Barometro maxima altura em 21 — 773.mm9
minima 30 — 749. 8

Foi em geral elevado o nivel barometrico durante todo o mez, sendo as maiores alturas, de 21, a 28.

Temperaturas: maxima: 20,º6 em 10
» minima 6,º1 em 21

Durante o mez, a temperatura baixou gradualmente até 15, epoca na qual teve, em seguida, uma baixa mais rapida, notando-se minimos de 8,º4—7,º1 e 6,º1 respectivamente em 19,20 e 21, mantendo-se cerca d'este nivel até ao fim do mez Em 30, o minimo foi de 6,º3—

Chuvas 26mm1 divididas em 7 dias, um unico dia de chuva notaval em 4 (15mm2)

Vento NE até 15—W em 16—novamente NE de 17 a 27 e NW até ao fim do mez.
Céu Bom tempo 17 dias—Nublado 13 dias.
Trovoada em 4
Nevoeiros em 1—2—4—7—12—24.
Arco iris em 30—

NECROLOGIA

CONSELHEIRO PEREIRA CARRILHO

Era certamente na actualidade um dos homens mais em evidencia entre nós. Sendo aliás o inicio da sua vida bem humilde e exercendo na carreira commercial o logar de simples caixeiro despachante na alfandega de Lisboa, obteve por concurso ser admittido no ministerio da fazenda como amanuense de segunda classe, conquistando em seguida pelos seus merecimentos e trabalho persistente e aturado, todos os postos de accesso até ao importante cargo de director geral da contabilidade publica, onde prestou importantes serviços aos diversos gabinetes da votação politica.

Mais d'uma vez e depois do convenio, em cujos trabalhos o conselheiro Pereira Carrilho teve uma parte activa e preponderante, lhe foi offerecida a pasta da fazenda, que não acceitou nunca, talvez mais por amor ao seu logar burocratico, do que por falta de competencia para se desempenhar condignamente da administração de tão espinhoso cargo.

Antonio Maria Pereira Carrilho era natural de Lisboa, onde nascera aos 10 de setembro de 1835, tendo á data do seu passamento 68 annos de idade.

Era filho de Luiz Pereira Carrilho, que pertencendo ao exercito realista ao dar-se a convenção de Evora-Monte, n'uma epoca tão cortada de accidentes politicos e não podendo ministrar a seu filho a educação que desejaria dar-lhe, o collocou na carreira commercial.

A vontade persistente e tenaz de Pereira Carrilho não devia deixal-o ficar na humildade de um logar mais ou menos remunerado na vida commercial, e, por isso, procurando illustrar-se, para poder subir até onde o levavam as suas aspirações, alcançou libar-se até onde ellas o chamavam.

Uma vez na carreira official os seus merecimentos foram reconhecidos, e n'isso esteve a sua fortuna.

Como jornalista fez parte da redacção de varios jornaes, deixando disseminados na *Opinião*, no *Progressista* e na *Gazeta do Povo*, muitos e importantes artigos, especialmente consagrados ás questões economicas e financeiras.

D'este ultimo jornal foi o fundador com Lobo d'Avila, João Ricardo Cordeiro, Ernesto Biester, Ribeiro da Motta, visconde de Melicio e outros importantes vultos do jornalismo d'aquella epoca.

Em 1880 fundou *O Economista*, jornal que ainda hoje se publicava, apezar de ter soffrido importantes alterações no seu formato primitivo.

Foi tambem assiduo correspondente do *Diario Mercantil*, do Porto, onde collaborou muitos annos, desde 1861, não só com as correspondencias diarias mas com muitos artigos politicos.

Publicou os seguintes livros:

Manon Lescaut, do padre Prevost;
A vida aos vinte annos, de Alexandre Dumas;
Diana de Lys, do mesmo auctor;
Memorias de Garibaldi, de Camillo Leydanier;

«Indice alphabetico e extracto de todos os documentos officiaes de execução permanente, estatisticos, commerciaes e industriaes, publicados no *Diario de Lisboa* do anno de 1866, etc.»

«Portugal em 1872: vida constitucional de um povo de raça latina. Estudo publicado em janeiro de 1873 no *Mémorial Diplomatique*, de Paris. Traducção que sahiu sem o seu nome.

«Relatorios» diversos ácerca dos negocios da fazenda, collaborando, na parte mais importante, nos orçamentos do estado; e nos relatorios da Companhia Real.

Antonio Maria Pereira Carrilho falleceu no dia 16 do corrente, em Paris, na occasião em que soffria uma dolorosa operação e devido ao enfraquecimento geral.

O extincto era do conselho de sua magestade, director geral da contabilidade publica, secretario geral do ministerio da fazenda, presidente do conselho de administração e da commissão executiva da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes. Foi em successivas legislaturas deputado ás côrtes e nomeado par do reino em 1902, depois da sua habil intervenção nas negociações do convenio.

Os funeraes

Revestiram a maior imponencia os funeraes do Conselheiro Pereira Carrilho.

Depois das exequias celebradas em Saint-Lambert de Vaugirard, onde o governo francez se fez representar pelos ministros dos estrangeiros e da fazenda, prestando ao illustre extincto as honras militares inherentes ao grande official da Legião de Honra, as que se realisaram em Lisboa no dia 30 de Novembro, na egreja de S. Domingos, não foram nem menos solemnes nem menos digna a sua assistencia.

Pode-se dizer que ha muitos annos não se fazia, tão, expontanea uma manifestação em que o elemento official estivesse tão representado.

E' que alem do Conselheiro Pereira Carrilho ser uma individualidade predominante na vida burocratica não só era considerado como uma das primeiras capacidades ao serviço ha muitos annos das nossas finanças, como um caracter probo e honesto, que nunca quiz sair d'uma certa obscuridade relativa.

Conduzido o feretro da egreja de Saint Lambert para a gare de Austrelitz e collocado n'um vagon funerario sellado a chumbo, seguiu á meia noite do dia 23 para Irun, chegando a Lisboa na manhã do dia 28.

O sahimento para o cemiterio Oriental realisou-se no dia 30, depois das missas e *Libera-me* que officiou Monsenhor Alçada de Paiva, acolytado pela collegiada de Santa Justa e Rufina.

O *comité* de Paris da Companhia Real esteve representado pelos sr. Louis L'Homme, visconde de Richemont, Raoul Bayart e Kergall.

O prestito era composto por duas berlindas conduzindo a collegiada de S.ta Justa e Rufina, um coche tirado a tres parelhas conduzindo Monsenhor Elviro dos Santos, o acolyto e o mestre de ceremonias, reverendo João Montes.

Seguia-se o coche mortuario tirado a quatro parelhas, ladeado por creados, um carro preto com as corôas acompanhado a pé pelos empregados menores das varias repartições da Companhia Real dos Caminhos de Ferro; uma carruagem com o sr. Joaquim Augusto d'Oliveira, conduzindo o espadim e o chapeo armado do fallecido, outra com o sr. Affonso Pereira Vianna, representando a familia do annujado.

No acompanhamento fazia-se representar todo o ministerio, á excepção do sr. Wenceslau de Lima ministro dos estrangeiros.

No cemiterio oraram os srs. conselheiro Teixeira de Sousa, Victorino Vaz, Kergall, Dr. Antonio Centeno, Dr. Cunha Belem e Brito Aranha.

O caixão ficou depositado no jazigo do sr. Pereira Vianna.

DR. ANTONIO DE SOUZA XAVIER CORDEIRO

Victimado por uma congestão fulminante, falleceu no dia 17 de novembro, em Ponta Delgada, este illustre juiz da Relação dos Açores e distinctissimo poeta.

Nascera em Torres Novas em novembro de 1844 e formou-se em 1870, tendo sido nomeado em 17 de dezembro do mesmo anno, para Mirandella como subdelegado, logar que occupou tambem em Fafe, Thomar e Ponte de Lima, sendo despachado juiz de direito para a Povoação ilha de S. Miguel, em setembro de 1880.

Foi promovido á 2.ª classe em dezembro de 1886, para Monção, no Minho, e esteve em Marco de Canavezes, Faro, Leiria e Santarem d'onde veiu para os tribunaes militares de Lisboa, collocado como juiz auditor do 2.º conselho de guerra, passando para juiz da Relação dos Açores em maio de 1902.

Ha perto de dois mezes partira para Ponta Delgada, depois de ter vindo gosar alguns mezes de licença em companhia de sua familia.

O dr. Antonio de Souza Xavier Cordeiro foi auctor de varios trabalhos juridicos e collaborou em differentes jornaes, sendo socio honorario de muitas associações litterarias de Portugal e principalmente do Brazil.

Em abril de 1889 foi secretario da 5.ª secção do Congresso Juridico, logar que exerceu com grande proficiencia usando repetidas vezes da palavra sempre com superior conhecimento dos assumptos que se discutiam.

Em 1885 dirigiu com seu tio o sr. dr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro o popular *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro*, assumindo em 1897, pelo fallecimento de seu tio, a direcção exclusiva d'essa interessante publicação.

Em 1886 escreveu: «Promptuario dos accordãos do Supremo Tribunal de Justiça, posteriores á promulgação do Codigo Civil; e em 1898 um livro de versos «Horas Vagas» que firmaram as suas aptidões poeticas e de um delicado burilador da nossa lingua. N'este livro que foi editado pela «Parceria Pereira» acham-se perfeitissimas versões de trabalhos de Scarron, Victor Hugo, Sully Prudhome, etc.

O dr. Xavier Cordeiro era irmão do consideravel engenheiro Candido Xavier Cordeiro, doutor em mathematica e philosophia, uma das nossas glorias de engenharia moderna.

DR. COSTA SIMÕES

A noticia da morte do illustre lente de prima jubilado da faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões foi uma dolorosa surpreza para toda a Universidade.

Poucos dias antes do seu fallecimento alguns amigos o haviam visitado na sua vivenda da Mealhada, encontrando-o relativamente bem disposto, entretanto no mesmo dia 26 de novembro findo, dia em que elle falleceu, a triste nova circulou logo em Coimbra e no dia seguinte a imprensa confirmava-a publicando telegrammas em que pormenorisavam o desenlace, dando como causa da morte um ataque de «grippe.»

Foi na villa da Mealhada, então districto de Coimbra, que o dr. Costa Simões nasceu aos 23 de Agosto de 1819. Matriculou-se na Universidade em 1835, formando-se na faculdade de medicina em 1843.

Provido no partido medico de Cinco Villas, ali permaneceu até 1847, e resolvendo-se então a seguir o magisterio na Universidade, voltou a Coimbra a frequentar o sexto anno de medicina.

Em 6 de julho de 1848 fez exame de licenceado, doutorando-se em 16 de julho d'esse anno.

Foi nomeado ajudante de clinica geral e demonstrador da cadeira de medicina em 1852, e tempo depois despachado physico-mór do Estado da India, logar de que não chegou a tomar posse por motivos particulares.

Foi nomeado lente substituto da faculdade de medicina em 29 de novembro de 1854; cathedratico por decreto de 3 de maio de 1860; lente de prima, por decreto de 10 de novembro de 1881 e jubilado por decreto de 25 de maio de 1882, estando a exercer o logar de decano.

Em 1864 foi o illustre extincto commissionado pelo governo para averiguações scientificas no estrangeiro, sobre assumpto da cadeira de histologia e physiologia geral, que então regia, visitando em cumprimento d'esse encargo as escolas de medicina da França, Belgica, Hollanda, Suissa, Prussia, Hanover, Hesse Darmstad, Baviera e Austria. Esta commissão durou um anno, de dezembro de 1864 a egual mez de 1865, publicando no anno seguinte um importante relatorio sobre os resultados das suas averiguações.

Com auctorisação do governo realisou em 1878, segunda viagem, para complemento dos trabalhos começados na sua primeira digressão, tendo ensejo de visitar então os laboratorios estrangeiros e as collecções da Exposição Universal de Paris para ver se de facto existiam novos apparelhos ou modificações aos que a seu cargo já se encontravam no gabinete da faculdade de medicina.

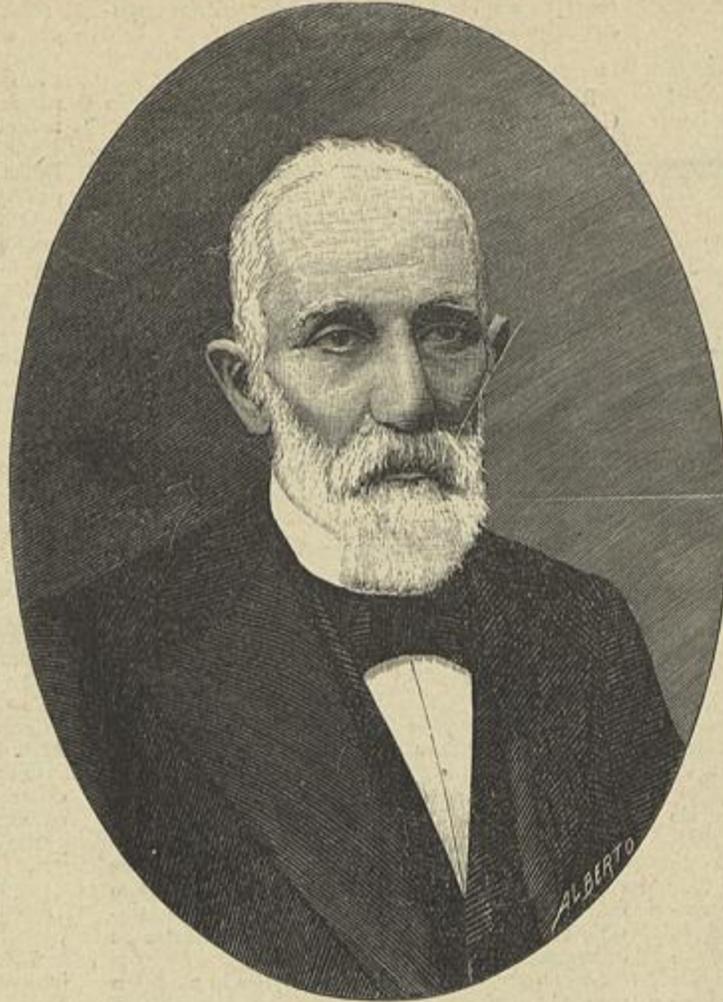
Durante esta commissão no estrangeiro o dr. Costa Simões foi incumbido de representar a Universidade de Coimbra na solemnidade da inauguração do busto do professor Schwann, na sala

academica da Universidade de Liége, o que não poude cumprir por ter de sahir immediatamente para Londres.

Eis algumas publicações do illustre cathedratico:

Historia do mosteiro da Vaccariça, 1855. — *Relario da direcção do hospital dos cholericos de Coimbra*, 1856. — *Relatorio da gerencia municipal de Coimbra* — *Noticia dos Banhos de Luso*, 1859. — *Topographia medica das Cinco Villas e Arega*, 1860. — *Elementos de phisiologia humana*, 1861 a 1864. — *Relatorio de uma viagem scientifica*, 1855. — *Parecer de A. A da Costa Simões*, 1866. — *Hospitaes da Universidade de Coimbra*, 1869. — *Programma da cadeira de Histologia e de Phisiologia*, 1873. — *Projecto do regulamento dos hospitaes da Universidade*, 1873. — *Projecto dos regulamentos internos dos hospitaes da Universidade*, 1876. — *Historia e phisiologia geral dos musculos*, 1878. — *O ensino pratico na faculdade de medicina*, 1880. — *Noticia historica dos hospitaes da Universidade*, 1882. — *Regulamento interno dos hospitaes da Universidade*, 1882. — *Um dos projectos de hospitaes districtaes*, 1884. — *Dietas e rações*, 1882. — *Registrador Chauvau*, 1885. — *A minha administração dos hospitaes da Universidade*, 1888. — *Esgotos nas cidades e nos hospitaes*, 1889. — *Abastecimento de agua em Coimbra*, 1889. — *Construcções hospitalares da Universidade*, 1896. — *A justa apreciação d'uma demissão injusta*, 1898, etc., etc.

Deixou além d'estas obras muitos outros trabalhos ineditos na maior parte referentes a assumptos hospitalares.

Collaborou nos jornaes: *Conimbricense*, *Instituto*, *Liberal do Mondego*, *Iris*, *Popular*, *Tribuno Popular*, *Revista medica de Lisboa*, *Coimbra Medica* e outros.

DR. COSTA SIMÕES — FALLECIDO EM 26 DE NOVEMBRO DE 1903

Era commendador da ordem da Rosa, do Brazil, socio effectivo do Instituto de Coimbra, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e honorario e correspondente de muitas associações scientificas e litterarias de Portugal, França, Hespanha, Italia, Brazil, etc.

Foi deputado em varias legislaturas pelo circulo de Figueiró dos Vinhos, presidente da camara municipal de Coimbra, director do hospital dos cholericos, administrador dos hospitaes da Universidade, reitor da Universidade de Coimbra, etc.

Ao funeral do dr. Costa Simões que se realisou na Villa da Mealhada, em cujo cemiterio ficaram depositados os seus restos mortaes, assistiu o conselho dos decanos, toda a faculdade de medicina, o actual reitor sr. dr. Pereira Dias, muitos outros professores e amigos do finado, empregados da secretaria e geraes e representantes do Instituto de Coimbra.

A' beira da sepultura e enaltecendo os serviços prestados á sciencia e ás notabilissimas qualidades do finado fallaram os srs. drs. Daniel de Mattos, conselheiro dr. Costa Allemão e o estudante do 5.º anno Eurico Lisboa.

O dr. Costa Simões não tinha bens de fortuna, e tanto que querendo em 1866 o governo galardoar os seus reconhecidos meritos com a commenda da ordem de S. Thiago, renunciou essa mercê allegando falta de meios para o pagamento dos respectivos direitos.